

COORDINATE STRUCTURE CONSTRAINT

RESTRIÇÃO SINTÁTICA, SEMÂNTICA OU PRAGMÁTICA?

Ani Carla Marchesan¹

RESUMO: O *Coordinate Structure Constraint* (CSC), estipulado por Ross (1967), é ainda alvo de muitos debates na Teoria Gerativa. Através dele, a extração de um dos termos da coordenada ou de um elemento contido em um termo da coordenada é expressamente proibido. Porém, estudos posteriores mostraram que a extração de elementos-wh de dentro de sentenças coordenadas é, em alguns casos, permitida. Com base nisso, Munn (1993) propôs que o CSC não é uma restrição de movimento (sintática), mas uma restrição sobre os tipos de categorias que podem ser coordenados (semântica). Kubota & Lee (2009) têm uma visão diferente. Para eles o CSC é um princípio pragmático e não uma restrição sintática. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é analisar as sentenças coordenadas do português brasileiro tendo como foco o CSC descrito por Ross (1967). A análise desses dados nos levou a concluir que o CSC, descrito como uma restrição sintática (Ross, 1967), funciona para explicar a (a)gramaticalidade das sentenças coordenadas, desde que apliquemos, junto a ele, os princípios da Gramática Gerativa.

Palavras-Chave: Coordinate Structure Constraint; sentenças coordenadas; sintaxe.

ABSTRACT: *The Coordinate Structure Constraint (CSC), provided by Ross (1967), is still a subject to many discussions in the Generative Theory. Through this, no conjunct of a coordinate structure may be moved, nor may any element contained in a conjunct be moved out of that conjunct. However, later studies showed that extraction of wh-elements within coordinate structures is, in some cases, permitted. Based on that, Munn (1993) proposed that the CSC is not a restriction of movement (syntactic), but a restriction on the types of categories that can be coordinated (semantics). Kubota & Lee (2009) have a different view. For them the CSC is a pragmatic principle, not a syntactic one. This study aims at analyzing the coordinate structures of Brazilian Portuguese by focusing on the CSC described by Ross (1967). The data analyzed led us to conclude that the CSC, described as a syntactic restriction (Ross, 1967), can explain (a)grammatical sentences of coordinate structures, whereas we apply, along with it, the principles of Generative Grammar.*

Key Words: *Coordinate Structure Constraint; coordinate structures; syntax.*

¹ Mestre em Linguística da UFSC. Doutoranda em Linguística da UFSC. Bolsista CNPq.

1 *Coordinate Structure Constraint (CSC)*

Em sua tese, Ross (1967) propôs o *Coordinate Structure Constraint (CSC)* que proíbe o movimento de qualquer constituinte para fora do sintagma coordenado²:

(1) “In coordinate structure, no conjunct may be moved, nor may any element contained in a conjunct be moved out of that conjunct”. (ROSS, 1967, p. 98-9).

Como mostra a afirmação em (1), o CSC é composto por duas partes: a primeira assegura que nenhum termo da sentença coordenada possa ser extraído. A sentença (2) é agramatical justamente porque um dos termos da coordenada (o segundo) foi movido para o início da sentença. E, a segunda parte da asserção em (1) garante que nenhum elemento de dentro de qualquer um dos termos da coordenada possa ser extraído, o que explica a agramaticalidade de (3a) em que o DP [*o que*] foi retirado de dentro do segundo termo da coordenada [*bebeu o que*]. O mesmo ocorre com as sentenças em (3b) e (3c):

(2) *[O que] João comeu bananas e ___?

² Assim como Colaço (2006), Munn (1993), Kubota & Lee (2009) dentre outros, estamos tratando as sentenças coordenadas como sentenças assimétricas. Por essa análise, a conjunção forma uma unidade com o segundo termo, mas não com o primeiro. Vários testes comprovam essa assimetria:

- [*e*] mais o segundo termo da coordenada forma um sintagma, já o [*e*] com o primeiro termo da coordenada não consegue formar um sintagma:

- (i) a. João partiu e não disse adeus.
- b. João partiu. E não disse adeus.
- c. *João partiu e. Não disse adeus. (adaptadas de ROSS, 1967 apud MUNN, 1993).

- Somente a extraposição do último termo da coordenada mais a coordenada é permitida:

- (ii) a. João leu um livro t_i ontem, [*e o jornal*]_i.
- b. *João leu t_i o jornal ontem, [*o livro e*]_i. (adaptadas de COLLINS, 1988a,b apud PROGOVAC, 1998)

- etc é usado para substituir o último termo da coordenada mais a coordenada:

- (iii) a. Eu comprei presunto, queijo, etc. (adaptado de ZOERNER, 1995 apud PROGOVAC, 1998).

- (3) a. *[O que] João comeu macarrão e bebeu ___?
b. *Esse é [o brinco] que Paula comprou ___ e Maria comprou a pulseira.
c. *Essa é [a pulseira] que Paula comprou o brinco e Maria comprou ___.

Contra-exemplos à segunda parte da afirmação em (1) podem ser facilmente encontrados:

- (4) a. [O que] o João comprou ___ e bebeu ___?
b. [Qual livro] livro João doou ___ e Maria comprou ___?

Sentenças como as de (4) foram detectadas por Ross que, para evitar que o CSC fosse descartado formulou a extração *Across-the-Board* (ATB) como sendo a única maneira de violar o CSC. O ATB afirma que podemos extrair elementos de dentro da coordenada, desde que o mesmo elemento seja extraído de ambos os termos, como nas sentenças de (4) acima³.

Munn (1993), analisando dados do inglês, afirmou que o CSC não é um caso de restrição de movimento (ou seja, restrição sintática), mas uma restrição semântica que impõe certas condições sobre os termos coordenados. Segundo ele, para serem coordenados, os termos da coordenada têm que apresentar alguma identidade semântica (*Parallelism Requirement*). Assim, ele consegue explicar por que podemos coordenar alguns termos de categorias diferentes, as chamadas *coordenadas unlike*⁴, e outros não⁵:

- (5) a. *John is [_{AP} sick] and [_{PP} in the park].
b. John is [_{AP} sick] and [_{PP} in a foul mood].

³ É importante lembrar que o ATB estabelece que só podemos mover elementos de dentro de ambos os termos da coordenada. O movimento do termo inteiro é proibido (GROSU, 1973 apud MERCHANT, 1999, p.197):

(i) *[Balas]_i, [bananas]_j João comeu t_i e t_j.

⁴ Coordenadas *unlike* são sentenças que coordenam categorias diferentes, como (i.a). Em contra-partida, temos as coordenadas *like* que são aquelas que coordenam categorias iguais, como em (i.b). É interessante notar que as coordenadas *unlike* são, geralmente, predicados de verbos copulares ou verbos de *raising*. (MUNN, 1993, p.121).

(i) a. [João está [_{AP} cansado] e [_{PP} de mau humor]]. (coordenada *unlike*)
b. [João gosta [_{PP} da Maria] e [_{PP} da Ana]]. (coordenada *like*)

⁵ As sentenças de (5) foram extraídas de Munn (1993, p.117).

(5a) é agramatical porque coordena dois termos semanticamente diferentes: modo e local. (5b), mesmo coordenando as mesmas categorias de (5a), AP e PP, é uma sentença bem formada, já que os dois termos denotam a *maneira* como John estava.

Outra evidência que Munn aponta, contra o CSC, são as sentenças com pronomes resumptivos ‘verdadeiros’⁶,

(6) Haiš še Rina roca e ve ohevet oto yoter mikulam⁷.

O-homem que Rina quer ___ e ama ele mais do que qualquer um.

‘O homem que Rina quer, e ama ele mais do que tudo’.

em que temos um pronome resumptivo no segundo termo da coordenada e uma categoria vazia (fruto de movimento) no primeiro termo. Isso sugere que não houve extração ATB (extração simultânea de um elemento de ambos os termos da coordenada) e, portanto, a sentença deveria ser agramatical o que de fato não é.

Uma análise diferente da proposta acima é a de Kubota & Lee (2009) que analisaram dados de sentenças relativas do japonês e do coreano e concluíram que o CSC é um princípio pragmático e não sintático. Esses autores adotaram a classificação de Kehler (2002) que divide as sentenças coordenadas em três tipos⁸:

a) Similaridade (*Resemblance*): cada termo da coordenada apresenta um certo paralelismo (*parallelism requirement*) com o outro termo. Quando há essa igualdade semântica entre os termos da coordenada, qualquer extração tem que ser ATB:

⁶ Munn (1993, p.59-62), seguindo Chao & Sells (1983) e Sells (1984), divide os pronomes resumptivos em dois tipos: (a) pronomes resumptivos verdadeiros e (b) pronomes resumptivos intrusivos (=falsos). Ele faz essa distinção para provar que as lacunas ATB (*Across-the-board*) e as lacunas parasíticas apresentam o mesmo estatuto. Aqui, por questões de espaço não vamos entrar no mérito de diferenciar esses pronomes.

⁷ Sentença do hebreu retirada de Sells (1984 apud MUNN, 1993, p.100).

⁸ As sentenças (7), (8) e (9a) foram extraídas de Kehler (s/d, p.1-2). No entanto, Kehler credita a sentença (8b) à Lakoff (1986 apud FARLEY) e a sentença (9) à uma adaptação de uma sentença encontrada em Ross (1967). (9b) foi extraída de Kubota & Lee (2009, p.3).

- (7) a. *[What book] did John buy ___ and read the magazine?
b. [What book] did John buy ___ and read ___?

b) Causa-efeito (*Cause-effect*): ocorre quando há uma relação de violação de expectativa⁹ (semanticamente $P \rightarrow \neg Q$ ¹⁰, como mostra a sentença (8a)) ou quando há uma relação de resultado¹¹, como em (8b). Nesse caso, podemos extrair elementos de apenas um dos termos da coordenada (preferencialmente do primeiro termo).

- (8) a. [How much] can you drink ___ and still stay sober?
b. That's [the stuff] that the guys in the Caucasus drink ___ and live to be a hundred.

c) Contiguidade (*Contiguity*): temos uma leitura de narração/relato (*narration*) de forma que o termo 'e', coordenador, possa ser parafraseado por 'e então' (*and then*). Aqui podemos extrair o elemento de apenas um dos termos da coordenada (preferencialmente do segundo termo).

- (9) a. [What] did Harry buy ___, come home, and devour ___ in thirty seconds?
b. This is [the whiskey] that John went to the store and bought ___ .

Observe que, das sentenças (7)-(9), somente (7b) e (9a) são casos de ATB. As demais sentenças, (7a), (8) e (9b) (de acordo com Kubota e Lee (2009)) deveriam ser agramaticais pelo CSC.

Tendo em mente essas sentenças que, a primeira vista “violam” o CSC, o objetivo central desse artigo é demonstrar que essas restrições podem sim, serem explicadas pelo CSC proposto por Ross (1967), desde que apliquemos, junto ao CSC, as regras da Gramática Gerativa (cf. *Government and Binding Theory*). Para tanto, seguiremos os estudos feitos por Colaço (2006).

1.1 CSC – restrição semântica

⁹ Kehler adota essa categorização de Goldsmith (1985).

¹⁰ P se refere ao primeiro termo da sentença coordenada e Q se refere ao segundo termo da coordenada.

¹¹ Essa categorização, Kehler adota de Lakoff (1986).

Munn (1993, p. 96-131) argumenta, a partir de sentenças coordenadas como as de (5) acima, que o CSC não pode ser uma restrição sintática, mas sim uma restrição semântica que força certa identidade (semântica) entre os termos que formam a sentença coordenada. Para dar conta dos casos de extração-wh, Munn (1993, apud COLAÇO, 2006, p.76-7) sugere que “as violações do CEC [CSC] resultam, na realidade, de um princípio semântico que impede a Quantificação Vácuca [...] [N]a presença de uma estrutura de coordenação, o operador wh tem que quantificar sobre uma variável em cada termo coordenado”. Isso explica a possibilidade de movimentos simultâneos¹² (10a) e a agramaticalidade de movimentos assimétricos (10b):

- (10) a. [O que] a Maria comprou__ e a Ana quebrou__?
b. *[O que] a Maria comprou __ e a Ana quebrou o vaso?

Observe que, o CSC consegue explicar a (a)gramaticalidade das sentenças em (10). (10a) é um caso de extração ATB e (10b) está violando a segunda parte da restrição do CSC descrita em (1) acima. Além disso, pelos princípios da gramática, sabemos que os componentes de qualquer sentença têm que apresentar uma certa compatibilidade semântica.

Outra análise para a (a)gramaticalidade de sentenças coordenadas é a proposta por Kubota & Lee (2009). Esses autores conjecturaram que o CSC é um princípio pragmático e não sintático, como veremos na seção seguinte.

1.2 CSC – princípio pragmático

A análise pragmática de Kubota e Lee (2009) parte da afirmação geral de que as sentenças são interpretadas para estabelecer certas relações umas com as outras no discurso. Os autores analisaram as construções relativas do japonês e do coreano e observaram que as sentenças coordenadas inseridas dentro de sentenças relativas respeitam os efeitos do CSC somente quando

¹² Na verdade não há movimento simultâneo. Munn (1993, p. 39-68) prova que há um vestígio no primeiro termo da coordenada (fruto de movimento) e uma lacuna parasítica no segundo termo da coordenada (co-referente ao elemento movido no primeiro termo).

há igualdade semântica entre os termos da coordenada (o que eles chamam de *resemblance relation*). No outro caso, quando não há uma identidade semântica entre os termos da coordenada (relação de contigüidade e relação de causa-efeito), o CSC não é verificado¹³:

- (11) a. *Kore-ga [John-ga ___kat-te/ka-i] [Mary-ga hon-o
Este-NOM João-NOM comprar-TE/comprar-I Maria-NOM livro-ACC
kat-ta] zassi-da.
comprar-PAST revista-COP.
'Esta é a revista que João comprou e Maria comprou o livro'.
- b. Kore-ga [John-ga ___kat-te/ka-i] [Mary-ga ___kaw-anakat-ta]
Esta-NOM João-NOM comprar-TE/comprar-I Maria-NOM comprar-NEG-PAST
zassi-da.
revista-COP.
'Esta é a revista que João comprou e Maria não comprou'.
- (12) a. Kore-ga [John-ga ___non-de/nom-i] [byooki-ga naot-ta] kusuri-da.
Este-NOM João-NOM levar-TE/levar-I doença-NOM recuperar-PAST remédio-COP.
Este é o remédio que João levou e então se recuperou da doença.
- b. I kes-un [John-i ___sa(-ess)-ko] [Mary-ka ___an-sa-n]
Esta coisa-TOP João-NOM comprar-PAST-KO Maria-NOM NEG-comprar-REL
capci-i-ta.
revista-COP-DECL.
'Esta é a revista que João comprou e Maria não comprou'.

Em sentenças em que há identidade semântica entre os termos da coordenada, a relativização do NP de apenas um dos termos, como em (11a), torna a sentença agramatical. Nesses casos, uma

¹³ As sentenças de (11) e (12a) são do japonês e (12b) é do coreano. Sentenças retiradas de Kubota & Lee (2009, p.4).

relativização ATB, como em (11b), resolveria o problema. Já em (12), não temos uma identidade semântica entre os termos da coordenada e por isso, tanto (12a); em que apenas um elemento é extraído de dentro do primeiro termo da coordenada; como (12b); em que o mesmo elemento é extraído de ambos os termos da coordenada (ATB); são sentenças bem formadas.

O fato de ser possível extrair qualquer elemento de apenas um dos termos da coordenada é expressamente proibido pelo CSC e, portanto, (12a), (8) e (9b) deveriam ser mal formadas.

Assim, adotando as terminologias *similaridade*, *causa-efeito* e *contiguidade*, Kubota e Lee (2009) conseguem explicar as (im)possibilidade das sentenças coordenadas. Nas palavras de Kheler (2002 apud KUBOTA & LEE, s/d, p.2)¹⁴:

- “(i) In English, extraction is a construction that identifies the extracted element as the topic.
- (ii) In sentences analogous to (...) [(7) e (11)], the ‘Parallel’ discourse relation requires a common topic for the whole sequence of clauses.
- (iii) In sentences analogous to (...) [(8), (9b) e (12a)], the ‘Cause-Effect’ and ‘Contiguity’ discourse relations does not require a common topic for the whole sequence of clauses.”

(i) e (ii) dão conta, corretamente, da agramaticalidade das sentenças em (7a) e (11a) porque elas apresentam um ‘paralelismo’ (são semanticamente simétricas) e, portanto, o tópico de toda a sentença coordenada deve ser extraído de ambos os termos que formam a coordenada. Ou seja, o tópico deve estar associado a uma lacuna contida em cada um dos termos da coordenada. Já a afirmação em (iii) não impõe nenhum paralelismo ao que é extraído de cada um dos termos da coordenada, portanto, o tópico de toda a sentença não precisa ser o tópico de cada um dos termos da coordenada (não precisa ser um tópico comum a ambos os termos da coordenada) e isso explica a gramaticalidade das sentenças de (8), (9b) e (12a).

Em resumo, a análise pragmática desses autores é a seguinte: quando os termos da coordenada são semanticamente simétricos (ou paralelos, nos termos de Kehler, cf. (7)) as

¹⁴ Essa análise pragmática Kehler (2002) formulou para os dados do inglês e Kubota & Lee (2009) aplicam aos dados do japonês e do coreano.

restrições do CSC são satisfeitas. Ao contrário, quando os termos da coordenada não são semanticamente simétricos (cf. (8), (9b) e (12a)), o CSC não precisa ser respeitado, constituindo, assim, uma violação do CSC.

A análise de Kubota & Lee (2009) parece funcionar perfeitamente. Porém, na próxima seção argumentaremos que o CSC proposto por Ross (1967) consegue dar conta de casos como os de (8), (9b) e (12a) ao contrário do que afirmam Munn (1993) e Kubota & Lee (2009). Para isso, utilizaremos os estudos já realizados por Colaço (2006)¹⁵.

1.3 CSC – restrição sintática

Vamos iniciar esta seção retomando a hipótese do CSC proposta por Ross (1967) (cf. seção (1)):

- (13) Em sentenças coordenadas, nenhum termo da coordenada pode ser movido, assim como nenhum elemento contido em um termo da coordenada pode ser movido para fora da sentença coordenada.

A asserção em (13) explica a agramaticalidade de sentenças como:

- (14) a. *[O que] João [comeu ___ e bebeu vinho]?
b. *[O que] João [comeu feijão e bebeu ___]?
c. *[Uma bola] Maria comprou [___ e uma boneca].
d. *[Uma boneca] Maria comprou [uma bola e ___].

As sentenças em (14a,b) são agramaticais porque não respeitam a segunda parte da restrição em (13): nenhum elemento contido em um termo da coordenada pode ser movido para fora da sentença. Já as de (14c,d) são agramaticais porque todo o termo coordenado foi movido para a

¹⁵ No seu artigo, Colaço (2006) afirma que não precisamos utilizar o CSC já que todos os casos de (a)gramaticalidade envolvendo sentenças coordenadas podem ser explicados por princípios gerais da Gramática Gerativa (Programa Minimalista). No entanto, nesse artigo, vamos afirmar que a postulação do CSC é importante para a descrição dos dados das coordenadas em PB.

periferia esquerda da sentença (primeira parte da restrição em (13)). Adicionado a isso, Ross (1967) verificou que a única forma de violar o CSC é através do ATB, retomado aqui por comodidade:

- (15) Só podemos extrair elementos de dentro da coordenada se o mesmo elemento for extraído de ambos os termos da coordenada.

A estipulação de (15) esclarece a gramaticalidade das sentenças abaixo,

- (16) a. [Qual livro] João vendeu ___ e Maria comprou ___?
b. [Quem] ___ vendeu o pão e ___ comprou o peixe?

em que o mesmo elemento é extraído de ambos os termos da coordenada. Observe que, se o CSC não fosse estipulado não teríamos como explicar a (a)gramaticalidade das sentenças em (14) e (16).

Vamos tratar agora, dos casos em que parece que há violação do CSC proposto por Ross (1967).

a) Movimento de toda a sentença coordenada

O movimento da coordenada como um todo é sempre possível. Esse movimento ocorre para respeitar algum princípio da gramática, como por exemplo, marcação de caso:

- (17) [O Pedro e a Maria] chegaram ___.

A sentença (17) é bem formada simplesmente porque não há extração de nenhum constituinte de dentro da sentença coordenada.

Não podemos deixar de registrar alguns casos de movimento de sentenças coordenadas que apresentam um termo-wh, como:

- (18) a ?O João comprou [*quantas revistas e um livro*]?

b. O João comprou [um livro e *quantas revistas*]?

a'. ??*[Um livro e *quantas revistas*] é que o João comprou ___?

b'. ?[*Quantas revistas* e um livro] é que João comprou ___?

(COLAÇO, 2006, p.81-2)

Colaço nada tem a dizer sobre essas sentenças. Também aqui, não vamos nos deter nelas. Porém, acreditamos que esses julgamentos de maior ou menor grau de gramaticalidade se deve ao fato de que, por serem interrogativas, em que o *pitch* acentual é geralmente no final da sentença ou no início dela possa explicar a maior aceitabilidade do termo-wh ocorrer no último termo da coordenada, quando o wh estiver *in situ*, ou no primeiro termo da coordenada, quando o wh sofrer movimento.

b) Extração de um elemento de ambos os termos da coordenada (ATB)

Ross (1967) afirmou que a única maneira de violar o CSC é mover o mesmo elemento de ambos os termos da coordenada, o chamado ATB. Concordamos que o ATB seja a única forma de violar o CSC, porém, discordamos de Ross quando ele afirma que o mesmo elemento é extraído de ambos os termos da coordenada. Se esse fosse o caso, deveríamos poder gerar sentenças como:

(19) a. *[O que] [o que] João comprou ___ e devorou ___ em 30 segundos?

b. *[Quem] [quem] ___ ama João e ___ gosta da Maria?

Nada impede que postulamos um apagamento sob identidade categorial de um dos elementos movidos, já que ambos são lexicalmente iguais. Porém, se esse fosse o caso, não conseguiríamos explicar a aceitabilidade de algumas sentenças que apresentam concordância somente com o primeiro termo da coordenada ou vice-versa:

(20) a. Which picture of himself/*herself John paint ___ and Mary buy ___?¹⁶

¹⁶ Sentença retirada de Munn (1993, p.52).

b. Que quadro dela mesma/dele mesmo o João pintou ___ e a Maria vendeu ___?

Pela análise do ATB não sabemos porque em (20a) [*herself*] não pode ocorrer e [*himself*] pode. Observando a sentença, percebemos que o constituinte [*which picture of himself*] nasce como complemento do primeiro termo da coordenada e não de ambos os termos como propõe o ATB. O mesmo ocorre com a sentença (20b) do português, [*dela mesma*] só pode ser complemento do segundo termo da coordenada e [*dele mesmo*] só pode ser complemento do primeiro termo da coordenada.

São exemplos como (20) acima que levam Munn (1993) a postular que a extração ATB não é uma extração ATB verdadeira, mas sim um caso de lacuna parasítica derivado pelo movimento de um operador nulo (OP):

- (20') a. Which picture of himself_i/*herself John paint t_i [OP_i [and Mary buy e_i]].
b. Que quadro dele mesmo_i o João pintou t_i [OP_i [e a Maria vendeu e_i]]?.

Além dessa evidência, Munn aponta várias outras características que demonstram a semelhança entre a lacuna parasítica e a extração ATB que aqui, por questões de espaço não serão citadas.

c) Extração de um elemento do primeiro ou do segundo termo da coordenada

A extração de qualquer termo para fora da coordenada é expressamente proibida pelo CSC (exceto casos de ATB). Sendo assim, casos de extração de pronomes relativos são, a princípio barrados:

- (21) a. *O livro que o Pedro comprou ___ e a Maria encomendou uma revista custou 0 euros.
b. *A revista que o Pedro encomendou um livro e a Maria comprou ___ custou 30 euros.

(retiradas de COLAÇO, 2006, p.84)

As sentenças em (21) poderiam ser explicadas como uma violação da segunda cláusula do CSC, já que um elemento de um dos termos da coordenada foi extraído. Porém, o que está em jogo não é somente o CSC, mas sim a violação de um princípio da gramática. Refiro-me às “questões de

compatibilidade sintática e semântica dos termos coordenados” (COLAÇO, 2006, p.84). Ou seja, mesmo que o elemento coordenador (&) não imponha nenhuma restrição quanto ao que pode vir a ser uma sentença coordenada, os termos da coordenada devem ter alguma compatibilidade sintática e semântica uns com os outros e ambos com o restante da sentença ao qual estão inseridos, como mostram as sentenças de (22). Veja que em (21) os dois termos coordenados não têm nenhuma relação entre si, podem ser tratados como duas sentenças simples. Sendo assim, conseguimos prever o porquê da agramaticalidade da sentença (5a) descrita na seção 1 e repetida aqui:

(5) a. *John is [AP sick] and [PP in the park].

(22) a. [João] e [Pedro] jogaram bola o dia todo.

b. *[João] e [a mesa] jogaram bola o dia todo.

c. *[A mesa] e [Pedro] jogaram bola o dia todo.

Agora, casos em que duas ou mais sentenças relativas são coordenadas, desde que o elemento relativizado seja o mesmo (casos de extração ATB), são bem formadas em PB:

(23) a. Está é a mesa que João quebrou ___ e Maria mandou consertar ___.

b. Este é o menino que ___ caiu do barco e ___ foi salvo.

Colaço (2006, p.85) sugere que a agramaticalidade das sentenças em (21) “pode, pois, ser vista como o resultado da coordenação de uma oração relativa com uma frase que não é subordinada”. Prova disso, são as sentenças de (24) que são exemplos de extração assimétrica de pronomes relativos:

(24) a. Esta é a fantasia [que eu comprei ___] e [assustei os vizinhos].

(sentenças adaptadas de Asdeh & Crouch, 2002, p.33)

b. Lá está o whisky [que eu fui na loja] e [comprei___].

(sentença adaptada de Ross, 1967 apud Colaço, 2006, p.86)

Em (24a,b) temos uma extração assimétrica do primeiro e do segundo termo da coordenada respectivamente. Observe que os dois termos da coordenada apresentam uma relação entre si, denotam um evento único.

São casos como (24) que Munn (1993) e Kubota e Lee (2009) utilizam para afirmar que o CSC não é adequado. Porém, tomando por base a análise das relativas com núcleo proposta por Chomsky (1977)¹⁷, afirmo que (24) não é um contra-exemplo ao CSC porque o que é movido ali é um operador vazio (OP) e não o núcleo NP. Ou seja, não há extração em (24) e, portanto, não há violação do CSC:

- (24') a. Esta é a fantasia [_{CP} OP_i que eu comprei t_i] e [assustei os vizinhos].
b. Lá está o whisky [_{CP} OP_i que eu fui na loja] e [comprei t_i].

Analisando as sentenças em (24) nos moldes de Chomsky (1977) veremos que não há violação do CSC porque, na verdade, não há movimento para fora da sentença relativa. Com essa análise, conseguimos explicar a sentença (6) de Munn, bem como as sentenças de causa-efeito e contigüidade (8b), (9b) e (12a) repetidos abaixo:

- (6) Haiš še [_{OP_i} Rina roca t_i ve ohevet *oto* yoter mikulam].
O-homem que Rina quer ___ e ama *ele* mais do que qualquer um.
- (8) b. That's [the stuff] that [_{OP_i} the guys in the Caucasus drink t_i and live to be a hundred].
- (9) b. This is [the whiskey] that [_{OP_i} John went to the store and bought t_i].
- (12) a. Kore-ga [_{OP_i} John-ga t_i non-de/nom-i] [byooki-ga naot-ta] kusuri-da.
Este-NOM João-NOM levar-TE/levar-I doença-NOM recuperar-PAST remédio-COP.
'Este é o remédio que João levou e então se recuperou da doença'.

¹⁷ Chomsky (1977), propõe que a relativização se caracteriza como um fenômeno de adjunção de um CP, a direita de um NP, derivado via movimento-wh com o pronome relativo gerado como argumento, à semelhança das construções interrogativas.

Outros casos de extração-wh, como os de (25), não são explicados pelo CSC, mas sim pelos princípios da gramática, como Munn (1999, p.1) já apontou:

- (25) a. [Qual livro] João comprou __ e leu __?
b. *[O que]_i o João comprou t_i e perguntou [CP onde]_j a Maria não sabe [CP quando]_k o Paulo colocou t_i t_j t_k]? (adaptado de MIOTO et all, 2004, p. 263)
c. *[Quem]_i a Maria e Ana choraram [quando o Pedro beijou t_i na festa]?
d. *Quem_i o João entrevistou __ e ganhou o livro [OP_i que Maria deu t_i __].

(25a) é uma simples extração ATB em contraste com (25b) em que temos uma violação da Condição de Subjacência (o movimento-wh não pode atravessar mais de uma barreira por ciclo (cf. MIOTO, et all, 2004, p. 262)); (25c) em que temos uma extração de dentro de um adjunto (ilha forte) e (25d) em que temos uma extração de dentro do argumento de uma relativa (ilha forte).

A partir de todos esses exemplos, percebemos que, o CSC proposto por Ross (1967) pode ser aplicado aos dados do PB desde que levemos em conta os princípios da gramática. Porém, um caso de coordenadas ainda precisa ser estudado: é o movimento assimétrico de pronomes interrogativos:

- (26) a. Quanto você pode beber__ e ainda permanecer sóbrio?
b. Quantos copos de whisky Pedro tomou __ e continuou sóbrio?¹⁸

Nas sentenças de (26) fica claro que houve movimento do pronome-wh para a periferia esquerda da sentença, o que é barrado pelo CSC. O ideal seria se conseguíssemos analisar as sentenças de (26) como se elas não fossem frutos de movimento. Colaço diz que o movimento de pronomes interrogativos é possível e ocorre de duas maneiras: a) “em construções em que os predicados se associam na descrição de um evento único podendo, neste caso, o movimento afetar qualquer um

¹⁸ Sentenças adaptadas de Asdeh & Crouch (2002, p.33).

dos termos coordenados; (b) em construções em que os termos coordenados denotam eventos distintos, sendo que, neste caso, o constituinte wh pode apenas ser extraído do primeiro termo coordenado” (COLAÇO, 2006, p.91). Este problema, no entanto, fica para um próximo estudo.

2. Conclusão

Os resultados a que chegamos com esse artigo são muito promissores. Trouxemos evidências de que podemos aplicar o CSC proposto por Ross (1967) para explicar a (a)gramaticalidade das sentenças coordenadas, desde que, apliquemos, junto ao CSC, os princípios da gramática. Vimos que podemos mover a sentença coordenada como um todo (para checagem de caso, mas não partes dela; observamos que os casos de ‘aparente’ extração de NPs de dentro de sentenças coordenadas são, na verdade, casos de movimento de um operador nulo; vimos também que não podemos extrair nenhum constituinte de dentro de ilhas fortes (barreiras), entre outras coisas. Porém ficamos com um problema remanescente: o caso de extração de constituintes-wh de dentro de sentenças interrogativas. Esse tópico ficará para um próximo estudo.

3. Bibliografia

ASUDEH, Ash & CROUCH, Richard. Coordination and Parallelism en Glue Semantics: Integrating Discourse Cohesion and the Element Constraint. **Proceedings of the LFG02 Conference**, Atenas, 2002, p.19-38. Disponível em < <http://csli-publications.stanford.edu>>. Acesso em 9 de julho de 2006.

CHOMSKY, Noam. On Wh-Movement. In.: CULICOVER, Peter; WASOW , Thomas & AKMAJIAN, Adrian (eds.). **Formal Syntax**. p. 71–132. New York: Academic Press, 1977.

COLAÇO, Madalena. Coordenação e movimento sintático: os dados do português europeu. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, p. 75-97, março de 2006. Disponível em <

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/582/413>>. Acesso em 20 de março de 2009.

KEHLER, Andrew. **Coherence and the Coordinate Structures Constraint**. SRI International. s/d. Disponível em <<http://idiom.ucsd.edu/~kehler/Papers/Kehler-BLS-1996.pdf>>. Acesso em 20 de março de 2009.

_____. **Coherence, Reference and the Theory of Grammar**. Stanford, California: CSLI Publications, 2002.

KUBOTA, Yusuke & LEE, Jungmee. **The coordinate structure constraint: syntactic constraint or pragmatic principle?** LSA: 2009.

_____. **The Coordinate Structure Constraint as a discourse-oriented principle: Further evidence from Japanese and Korean**. s/d. Disponível em <www2.nict.go.jp/x/x161/en/member/bond/hpsg-2008/abs/kubota-lee.pdf>. Acesso em 20 de março de 2009.

MERCHANT, Jason. **The syntax of silence – Sluicing, Islands, and the Theory of Ellipsis**. UC Santa Cruz: Oxford Studies in Theoretical Linguistics, 1999.

MIOTO, Carlos, FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina & LOPES, Ruth E. Vasconcellos. **Novo Manual de Sintaxe**. Florianópolis: ed. Insular, 2004.

MUNN, Alan Boag. **Topics in syntax and semantics of coordinate structures**. PhD Thesis (doutorado em Filosofia). Universidade de Maryland. Maryland: 1993, 216p. Disponível em <<https://www.msu.edu/user/amunn/papers.html>>. Acesso em 9 de julho de 2006.

_____. Explaining Parasitic Gap Restrictions. To appear in: CULICOVER, Peter & POSTAL, Paul M. (eds.). **Parasitic Gaps**, Cambridge Mass: MIT Press, 1999.

PROGOVAC, Ljiljana (1998). **Structures for coordination I**. Glot International [online]. October 1998, Volume 3, Issue 7 [cited 12 July 2006], pg. 03-06. Available from World Wide Web: <<http://www.linguistlistplus.com/glot/choosejournal.asp>>. Acesso em 9 de julho de 2006.

___ (1998). **Structures for coordination II**. Glot International [online]. October 1998, Volume 3, Issue 8 [cited 12 July 2006], pg. 03-09. Available from World Wide Web: <<http://www.linguistlistplus.com/glot/choosejournal.asp>>. Acesso em 9 de julho de 2006.

ROSS, J. R. **Constraints on Variables in Syntax**. Ph.D. thesis, MIT, 1967.